

CORPO E CABELO BLACK COMO SÍMBOLOS DE AFRIMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Eixo Temático 02: Educação e Diversidade

Rafael Conceição dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS XV
rafael7_discipulo@hotmail.com

Resumo:

A identidade é concebida como elemento de representação e linguagem que define culturas, atitudes, comportamentos, entre outros fatores indispensáveis para a vida social, assim desta forma todos os seres humanos possuem uma identidade. Pensar a identidade negra é antes de tudo pensar, sua construção histórica, de negação e desvalorização, que teve como marca, o processo escravista, coisificando o negro, tendo por consequência a perda de caráter simbólico e forçado da sua identidade. Este artigo é resultado da pesquisa de monografia, que tem como temática de estudo: Corpo e o cabelo black como símbolo de afirmação da identidade negra. O município de Taperoá-Ba foi universo da pesquisa, desenvolvida no Colégio Antonio Balbino, no ensino fundamental II, com as turmas do 8º e 9º ano do turno vespertino. Como aporte teórico utilizou-se os estudos de FRY (2007), GOMES (2016), FANON (2008), LIMA (2015), RODRIGUES (2012), HALL (2011) que abordam em seus escritos sobre os processos afirmativos das identidades. Destarte, esta pesquisa tem como objetivo analisar, de quais formas à escola tem contribuído para o processo de afirmação das identidades dos/das jovens negros e negras e de quais formas o corpo e cabelo black é representado e visto nesse processo identitário. Essa pesquisa utiliza-se do método etnográfico, tendo como instrumento de coleta de dados, entrevista semi-estruturada, sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, chegando-se à resultados satisfatórios, referente à afirmação da negritude através do corpo e cabelo.

Palavras chave: Corpo e cabelo; Educação; Identidade.

Introdução

A identidade é o sistema de valores, códigos e linguagens, que define culturas e sociedades ao longo da história. Ela se insere em todas as esferas sociais, nas relações econômicas, religiosas, de gênero, culturas, valores morais e éticos. O processo identitário, perpassa para muito além de um sentido de pertencimento a um espaço e tempo, ou identificação de determinado pensamento filosófico e cultural. Nessa perspectiva à identidade pode ser vista do âmbito prático: ações do sujeito e suas linguagens corporais e condutas de comportamento; psíquica: as construções de pensamentos e pertencimento ético, moral, relações de poder, filosófico, de crenças e valorização da historicidade, de si ou do grupo social ao que está inserido, e essa definição de identidade/identidades vai refletir na sua relação com seu semelhante e por conseguinte com a sociedade. Desta forma o processo da construção da identidade não se torna algo imutável e estático, mas ela está em constante processo construção. Para (LIMA, 2015, p. 83) “As identidades se revelam em suas

multiplicidades, diversidade, facetas e diferenças, lembrando que ninguém assume a mesma identidade o tempo todo, ninguém possui uma identidade única”.

Pensar a identidade do negro, é pensar antes de tudo a relação do corpo negro como condição primária para se chegar a afirmação da sua identidade. É impossível falar em identidade negra sem levar em conta todo o processo de negação da sua história e por conseguinte do seu corpo, pois este é comunicação, é linguagem, é representação. Uma vez que a identidade negra tem sua base fundamentada no seu corpo, este foi o espaço simbólico que mais sofreu repressão e negação da sua existência enquanto espaço e padrão estético e identitário. O corpo negro ao longo da história brasileira, foi condicionado a adotar um padrão de beleza baseado, nos padrões estéticos europeus, imposto como sinônimo de beleza e perfeição, como um padrão e modelo a ser incorporado e impresso no corpo negro. Desta forma o corpo é o primeiro espaço de manifestação de aceitação e negação da identidade.

Este tema de pesquisa é fruto de observações e inquietações levantadas, sobre a questão da afirmação da identidade negra através do corpo e tendo como ponto central o empoderamento do cabelo black. A escolha para o tema de pesquisa se deu, pelo fato de uma escola de ensino fundamental II no município de Taperoá-BA, onde a maioria das alunas começaram assumir o cabelo black, ou naturais. Mas o que mais chamou a atenção, foi o fato de ter presenciado um grupo de alunas que usam o black, falando negativamente dos black das outras colegas que estudavam na mesma escola. Assim surgiu o seguinte questionamento: De que maneira a escola contribuí para o processo de afirmação das identidades dos/das jovens negros e negras?

Assim essa pesquisa tem como finalidade, analisar de quais formas a escola tem contribuído para o processo de afirmação das identidades dos/das jovens negros e negras e de quais formas o corpo e cabelo black é representado e visto nesse processo identitário. Sendo seus objetivos específicos: compreender como é trabalhado as questões voltada as relações étnico-raciais na escola; analisar se os fatores que contribuíram para as alunas/alunos assumirem o black, foram internos ou externos a escola; analisar como os alunos compreendem e percebem o processo da afirmação da identidade negra; entender o porquê, que boa parte das alunas que usam o cabelo black tem comportamentos racistas e de preconceito com as outras colegas que usam black: analisar como se desenvolve o discurso de afirmação da identidade negra na escola.

Beleza em jogo: símbolos, Sentidos e negações por um “ideal de beleza”

A beleza em um sentido genérico, pode ser definida, como um conjunto de regras estético-social, de valores comportamentais, que classificam e definem os padrões sociais, classificando e categorizando as camadas civis, regulando as funcionalidades e papéis, na complexidade organizacional humana. Neste sentido é preciso esclarecer, que o padrões de beleza não é um sistema de valores imutável e atemporal. Para Wolf (1992) o sentido de “beleza” ou seja o padrão imposto como modelo “ideal”, não é uma estrutura universal e imutável, contudo, se limita ao tempo e espaço, percebido e ressignificado, sendo assim constituída de acordo com dos padrões, sociais, culturais, econômicos, religiosos, de uma determinada sociedade.

Em análise sobre os padrões e como se apresenta o sentido de beleza e sua gama de valores complexos, Wolf (1992) apresenta uma abordagem crítica dos padrões de beleza, pensado e organizado sobre a ótica europeia, sendo definido na concepção da autora, a beleza como; uma construção social de bases econômicas e políticas, que tem como finalidade impor um conjunto de regras e crenças a manter intacto o domínio masculino. Nessa perspectiva “numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam” (WOLF, 1992, p. 15). A esses valores e simbolismos, à autora vai denominar de: *O mito da beleza*.

A beleza organizada e orquestrada como sistema de valores e sentidos, dirigida e pensada a um modelo e padrão de corpo social. “As singularidades culturais são dadas também pelas posturas, pelas predisposições, pelos humores e pela manifestação de diferentes partes do corpo. Por isso é importante para pensar a cultura” (GOMES, 2006, p. 48). Uma vez que à beleza, assim como o corpo, se dá pela construção dos processos culturais, segundo Santos (2008), esse referencial de beleza é constituído e concebido de fora para dentro, fundamentado num discurso de “ideal” de mulher de caráter universal, que coloca numa instância e zona de conflito, na preocupação e disposição a se assemelhar ao padrão de beleza instituído na sociedade.

No Brasil nas últimas décadas, os produtores e fornecedores do mercado da beleza, voltaram-se suas atenções a população negra afrodescendente. Com um mercado ainda pouco explorado, lançaram-se a exploração de produtos de beleza voltados para o público negro. Nesse sentido, Fry (2007) afirma que, a publicidade tem sido o ponto norteador da difusão

desse mercado estético, voltado ao universo negro, defendendo a hipótese que a longo prazo, a publicidade brasileira, tornar-se-á um poderoso instrumento nas tomadas de decisões e definições no que compete as relações raciais no país.

No caso da "raça" e do mercado no Brasil, é particularmente interessante que os produtos específicos destinados a pessoas de cor são, quase todos, os que pretendem embelezar. São específicos para o fenótipo, a aparência. É como se a própria "aparência" se tornasse (ou esteja se tornando) o ícone da identidade negra no Brasil, levando muita gente que, de outra forma, se consideraria morena, mulata etc. a considerar-se também "negra". Enquanto isso, a publicidade de mercadorias e serviços genéricos inclui pessoas de cor como cidadãos comuns, projetando assim uma mensagem de igualdade diante dos bens de consumo, ainda que não perante a lei. É como se os produtores e anunciantes projetassem uma imagem do povo, na qual a diversidade entre os brasileiros fosse mais um caso de estética do que de moral. (FRY, 2007, p. 307).

O investimento do mercado brasileiro, no que se concerne a estética negra, se apresenta para além do sentido unicamente do capital, mas tenta demonstrar a “existência de uma diversidade de beleza”, frutos da miscigenação e do multiculturalismo e pluralismo cultural, de padrões sociais que estão em um estágio democrático de igualdade, no sentido de apresentar, as diferenças sócio-raciais, única e resumidamente no sentido estético da beleza. Para Fry (2007), o mercado tem-se voltado a uma proposta de embelezamento do negro no que se refere a sua beleza física, no sentido de “igualá-lo”, e “naturaliza-lo”, como cidadãos comuns, definido o caráter da identidade negra ao fator da beleza, negando em muitas instâncias, os fatores políticos de direito e a historicidade negra.

Na análise realizada por Fry (2007), referindo-se aos padrões aos padrões raciais, que definem o racismo, o primeiro ponto a ser analisado é o fator da beleza e aparência física. A aparência é que vai definir a condição do sujeito, sua classe racial, para posteriormente, serem levedados em conta os atributos econômicos e sociais de comportamento. Nessa premissa, na visão do autor, assumisse uma relação associada entre a beleza e a moral, nessa perspectiva a moral será julgada e avaliada pela aparência estética. “Sabe-se que há muito tempo “boa aparência” é eufemismo para brancos no Brasil. E como poderia ser diferente, numa sociedade em que a “raça” é atribuída pela aparência e não pela origem familiar [...]” (FRY, 2007, p. 322-323).

Fry (2007) acredita que o fator estético de uma valorização e construção da beleza negra, é um dos caminhos para se chegar a uma construção, formação e valorização da negritude, mas tendo em vista que a valorização da beleza negra, não resume e define

unicamente o processo da formação identitária em si mesma, ou seja que a identidade negra está unicamente limitada ao campo da beleza e aparecia estética. Destarte a formação da identidade e beleza negra se constitui como um campo complexo de relações e significações. Como define (MUNANGA, 2009, p. 19) “[...] a identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade”.

O corpo, no processo complexo da gênese social, forma e constrói a identidade do sujeito, não somente a categoria de tempo e espaço, no sentido de pertencer a uma nacionalidade. Mas, os caracteres subjetivos e secundários; como fator da beleza-estética, educação, intelecto, emoções e economia, principalmente as questões raciais, onde a raça é colocada como a principal base de definição e categorização da identidade individual e coletiva. Para Rodrigues (2012) o corpo se destaca como manifestação e expressão de sentimentos e sentidos de afirmação, negação, sofrimentos, dores, alegria e felicidade. Nessa premissa o corpo é fruto das relações e interações sociais de domínio, de campos afirmativos e de negações de padrões e identidades físico-corporais e culturais, construído assim, um sistema de valores e classificações de cor e padrões estéticos, sendo o corpo branco europeu utilizado como parâmetro de padrão comparativo e normativo, para definir como se configura a estruturação da beleza.

Para Rodrigues (2012) o corpo do negro brasileiro é construído na sociedade como sentido negativo de estereótipos, que negam a existência de fatores positivos associados ao universo negro. Desta forma, o corpo negro foi imerso à uma “reconstrução” de sentido identidade e padrões de beleza, que pretendeu negar as raízes negras nacionais. Contudo ao longo das décadas de lutas e resistência das comunidades negras no país, tem-se realizado um processo de luta de afirmação e conquista do espaço negro na sociedade, à valorização e alto afirmação da beleza e estética negra, se compõem como um espaço de afirmação positiva, de demarcação da negritude. “hoje a estratégia é enegrecer o corpo não somente para demarcar a diferença de maneira positiva, mas também para fortalecer a identidade da população negra. [...] constroem a aparência do ser negro de modo positivo”. (RODRIGUES, 2012, p. 63).

Nessa premissa para Gomes (2016) à expressão estética da negritude, é indissociável das outras esferas e composições sociais seja ela, nas instancias políticas, econômicas, de pertencimento e nacionalidade como de demarcação de espaço e identidade, “[...] cabelo e

cresto e corpo negro, colocados nessa ordem, são expressões de negritude”. (GOMES, 2016, p. 48).

Metodologia

Segundo Mattos (2011) o método etnográfico, possibilita o pesquisador as análises subjacentes dos discursos e práticas no ambiente da pesquisa. Desta forma esse método de pesquisa possibilita, uma relação ativa entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, possibilitando uma interação e apropriações de informações, que não se limita unicamente aos métodos cartesianos de coletas de dados. Desta forma a pesquisa etnográfica leva em conta as singularidades das subjetividades dos sujeitos, onde é visto e encarado como ser ativo e construtor dos rumos e resultados da pesquisa. “Neste sentido, o sujeito da pesquisa, historicamente ator das ações sociais e interacionais, contribui para significar o universo pesquisado exigindo a constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador.” (MATTOS, 2011, p. 51).

Nesse tipo de pesquisa o tempo que o pesquisador se envolve com o campo pesquisado fará toda a diferença nos rumos da pesquisa, pois necessita-se de um investimento de tempo e convivo com os sujeitos pesquisados. Assim o método etnográfico, tem como princípios metodológicos, o estudos de grupos sociais, no que se referem as suas características singulares dos sujeitos, como as normas e regras de regem determinados grupos, seus padrões e práticas do cotidiano. Mattos (2011).

Com a finalidade de alcançar os objetivos traçados de forma coerente e precisa, para organização e análise dos dados, utilizou-se uma abordagem de caráter qualitativo, que segundo Boaventura: “caracterizam a investigação qualitativa como fonte direta de dados no ambiente natural [...] é uma pesquisa descritiva em que os investigadores, interessando-se mais pelo processo do que pelo resultados, examinam os dados de maneira indutiva e privilegiam o significado” (2011, p. 56). Para (CÓRDOVA e SILVEIRA 2009, p. 32): “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.”

O universo escolhido para a realização da pesquisa, foi o Colégio Estadual Antônio Balbino. Localizado no município de Taperoá-Ba, instalado no centro da cidade. A pesquisa está sendo desenvolvida com seis estudantes de turno vespertino, do 8º e 9º ano, com idade

entre 14 e 16 anos, sendo escolhidas pelo processo de seleção, tendo como parâmetro principal o cabelo black.

Ao adentrar no ambiente do campo da pesquisa. Após o período de observação, me debrucei na busca de instrumentos de coletas de dados que compreendessem e correspondessem as propostas e finalidade dessa pesquisa. Desta forma os instrumento de pesquisa utilizados são: a observação participante, a entrevista semi-estruturada, oficina de fotografia, análises de fotografias, sessão de fotografias, rodas de conversas e documentos da escola.

Resultados e discussões

A identidade ao longo da história humana é concebida como elemento de, representação e linguagem que define culturas, atitudes, comportamentos, entre outros fatores indispensáveis para a vida social, assim desta forma todos os seres humanos possuem uma identidade. Para Ciampa (1991, p. 74) “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um numa infundável transformação”. A identidade é compreendida como um processo de construção que está em constante transformação ao longo do tempo, com vista a construir a vida e a história humana. “A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai se socializar. Logo a identidade do negro está intrinsecamente ligada à sua relação com seu próprio corpo (Rodrigues, 2012, p. 61)”.

Fanon (2008) define o corpo como sendo veículo de expressão da linguagem. “Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (FANON, 2008, p. 34). Segundo o autor a linguagem exerce um ponto de suma importância nas instancias de comunicações sociais das relações humanas, desta forma o homem se torna fruto da linguagem. A linguagem traduz os desejos e códigos sociais de comportamento a ser utilizado pelo sujeito, assim essa apropriação ou a imposição da linguagem se dará de diversas formas, mas nesse ponto aqui abordado a linguagem do corpo, expressa os sentidos ideológicos ao longo das décadas, como plano político ideológico, de extinção da presença negra da sociedade brasileira. Ou seja a linguagem do universo branco foi imposta das mais variadas formas sobre o negro, refletindo, principalmente nos aspectos físicos, onde o corpo negro, foi condicionado a encarnar a expressão de civilidade branca, nos

aspectos, da língua, formas de comportamento, padrões estéticos entre outros. Assim a linguagem é vista como meio de redimir o negro da sua condição de inferioridade de ante do branco. “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura” (FANON, 2008, p. 50).

É impossível pensar a identidade do negro e não levar em conta o seu cabelo. A relação do negro com o cabelo black vai além da estética, mas é antes de tudo, sua raiz sua história e de seu povo que é representada através do cabelo que é manuseado de diversas formas e conjunturas.

Como descrito no tópico acima, esta parte deste trabalho está destinado aos resultados e discussão desta pesquisa. Pensado em facilitar a compreensão do leitor, esse ponto de discussão busca relatar duas atividades e experiências, realizadas com as participantes desta pesquisa. Assim a primeira atividade, está dedicada a tratar sobre; a sessão de fotografia, em segundo momento, será composto com alguns relatos das participantes em uma das rodas de conversas, que tinha como objeto de compreender seus processos da transição capilar.

Na manhã de sexta-feira marcamos para nos encontrarmos na praça da cidade para irmos à casa de Daniela Lumi (professora da escola), uma das minhas amigas e colaboras do registro das fotos. No momento em que me encontrei com as meninas, já fui recebido com belos sorrisos e a emoção delas, me relatando os horários da manhã que tinha acordado, para fazerem a produção e arrumação do cabelo.

Chegando na de Lumi, deu-se início as produções de beleza. Sentado à espera das meninas ficarem prontas para sairmos e iniciarmos o registo das fotos, percebia a euforia de alegria delas, na produção estética, na escolha cuidadosa das roupas e acessórios que combinassem com o cabelo, como também o estilo e cores das maquiagens utilizadas. Eu assistia todo aquele movimento com bastante alegria, mas ao mesmo tempo observando, como a beleza, ou o ser bela, se configura como campo forte de simbolismo de identificação, pertencimento de espaço e singularidade, no campo feminino, resultando-se, numa identidade de beleza e auto estima.

Ao saímos para a Praça da Bandeira local que escolhemos para o início das fotografias, as meninas andavam pela rua com muito sorriso, ansiosas para que começasse logo a registrar as fotos. Nesse momento em que caminhávamos para a praça, era muito perceptível os olhares de curiosidade das pessoas, também por parte de algumas um olhar de contemplação da beleza das meninas. Percebi também que elas se sentiram meio que desconfortadas por perceber tantos olhares voltados para elas; riam e brincavam falando que

eram negras lindas mesmo e como os seus cabelos blacks como suas roupas também chamavam a atenção.

Assim chegamos na praça e começamos a fotografar. Nesse momento dos registros fotográficos, fiquei surpreso pela qualidade e seriedade das meninas, que pareciam modelos profissionais, nesse momento brotou em mim um sorriso de bastante alegria ao está contribuindo ainda que de forma simples, para a valorização da autoestima das meninas, que a cada termino das fotos, ficavam muito curiosas para verem os resultados. Assim seguimos a manhã inteira registrado as fotos, rindo juntos e percebendo em cada rosto a satisfação de alegria por estarem vivenciando aquele momento único.

Ao termino das fotos, foi um momento para mim como para elas de bastante satisfação e emoções. Ao ultimo registo fotográfico, algumas delas ficaram bastante emocionadas e ao mesmo tempo agradecendo e perguntando com alegria quando seria a próxima sessão de fotografias. Assim tive a plena certeza o quão importante e único se tornou para elas aquele momento, pois elas estavam sendo o centro das luzes e olhares das pessoas. Retornado para a casa de Lumi para trocarem as roupas, as meninas falavam muito sobre as fotos e como queriam muito vê-las, era perceptível a satisfação de alegria no rosto e nos olhares, muitos ansiosos para terem em mãos as fotos. Essa alegria se estendeu pela tarde inteira, com a criação de um grupo de Whatsapp, e muitas publicações pela rede social do Facebook. A ansiedade tomou conta das meninas, desejando que o final de semana passasse logo, para no nosso encontro na segunda feira, onde disponibilizariam as fotos e conversaríamos, sobre a sessão de fotos.

Como citado acima segue um algumas imagens selecionadas da sessão de fotografia, para a apreciação do leitor.



Foto 01: Escadaria da Igreja



Foto 02: Casarão da ponte velha



Foto 03: Ponte Velha



Foto 04: Casarão da Praça da Bandeira



Foto 05: Casarão da Praça da Bandeira



Foto 06: Porto dos Pescadores

Na segunda feira me dirigir ao colégio, para mais um encontro com as meninas. Assim que cheguei na escola fui recepcionado com muito entusiasmo por elas, então nos dirigimos para o auditório para passar as fotos. No momento que as fotos começaram a passar no projetor, percebi a emoção e satisfação delas, que comentavam cada foto que passava, se ficaram feias ou bonitas e etc., realizando comentários com uma percepção de detalhes que me deixou muito supresso; ao perceber como elas estavam se autoanalisavam e como o fator beleza, sempre era citado em suas falas.

Após o momento da observação das fotos. Demos início ao momento de conversa, onde pedi para que elas descrevessem o que significou aquele momento da cessão de fotografias. Descrevi alguns trechos dos relatos das meninas, mas como forma de garantir a

segurança e privacidade das estudantes serão utilizados nomes fictícios escolhidos por elas como forma de identificação. Segue os relatos abaixo:

Fala de Valente: *Eu achei maravilha, achei muito bom e queria de novo! Queria muito de novo porque saiu uma maravilha de foto. [...] eu me senti tão importante me senti muito, muito importante! Sei lá, me sentir como se fosse uma estrela!!*

Prosseguindo Tate Souza: *Eu amei! Me senti uma modelo. Me sentir importante interessante sei lá! Foi demais!*

Completa Valente: *Foi uma sensação tão boa ver as pessoas a nossa volta assim olhando a gente tirando foto! Chamou Taperoá a atenção na verdade, porque ninguém nunca tinha visto uma coisa assim.*

Looh Santos: *Não tem como descrever né! Porque foi muito bom. Eu me senti um dia de princesa sabe naquele quadro de Mc. Gui; um dia de princesa. Eu me senti um dia de princesa com Rafael.*

Completa Valente: *Um dia de princesa Afro!*

Observando as falas das meninas, é bem evidente perceber como momento das fotografias para elas, se configurou como um espaço de reconhecimento e valorização, não somente da sua beleza, mas impreterivelmente de sua valorização enquanto pessoa, e do próprio sentido de existência em meio a uma sociedade que invisibiliza e nega a presença do negro e da beleza negra como algo bom e positivo.

Nessa segunda parte sobre os resultados, seguem alguns trechos de respostas apresentadas pelas entrevistas as entrevistas, sobre os processos de transição do cabelo black.

Quando questionas sobre: quais foram as influências que contribuíram para que elas assumissem o cabelo black? Segues as respostas abaixo:

Estudantes 01: *Eu via as meninas usando cabelo black e achava bonito, ai eu não sabia como ficava em mim ai eu fui lá pedir para minha tia cortar meu cabelo ai ela foi lá e cortou. Ai eu gostei!
As influencias primeiro veio do colégio e fora também, minha mãe também cotou o cabelo dela ai eu fui achando bonito assim!*

Estudante 02: *Eu vi também as meninas usando black demais e ai também vi passar na televisão, ai eu gostei, mas tinha passado um produto no meu cabelo e tinha alisado. Ai eu aproveitei logo e cortei para fazer esse processo porque eu achei muito bom. Gostei!*

Estudante 03: *Eu não tive assim a influência de ninguém. Eu decidir cortar porque eu dei química ai eu disse a minha mãe que eu não queria meu*

cabelo assim, minha prima foi lá e cortou aí com o tempo foi me descobrindo!

Como relatado na fala das estudantes. A escola foi um espaço de suma importância para a afirmação do cabelo black pelas estudantes, onde através de outras estantes que usavam o cabelo nessa conjuntura, levaram-nas também a aderir o estilo de cabelo, que elas nutriam uma admiração. Para Lima (2015) a escola é concebida enquanto espaço de disseminação das culturas, refletindo em seu interior os pensamentos e propósitos da sociedade, seguidamente Mattos e Abreu (2012) afirma que, um ideal de cultura corresponde a produção e formação de uma identidade em toda a sua amplitude e complexidade. “Podemos pensar a cultura como processo e as identidades coletivas como construções culturais, por isso históricas e relacionais” (MATTOS e ABREU, 2012, p. 119).

Quando lanço a questão perguntado se elas acreditam que o cabelo tem influência ou relação com a identidade negra, uma das meninas colocou uma resposta que me deixou feliz e ao mesmo tempo contemplativo, pela forma como ela se posicionou na resposta. Segue abaixo na íntegra.

Aluna 01: *Muitas pessoas acham o cabelo liso mais bonito, que o cabelo black. Mas eu acho na minha opinião, que cada um tem que ter o seu cabelo do jeito que acha melhor. Tipo eu, eu uso o meu cabelo assim porque eu gosto dele assim, eu não vou mudar ele só porque alguém vai chegar e vai dizer, vai e alisa o seu cabelo, eu não vou chegar e vou alisar, porque na minha opinião se eu gosto dele assim, eu tenho que mantê-lo assim. Agora opinião dos outros para mim não importa!*

A fala da estudante demonstra claramente como o cabelo está intrinsecamente ligado ao fator da identidade negra, se configurando como um processo de resistência, como elas relatam, muitas vezes sofridos, porque sempre encontram pessoas que as discriminam por conta do cabelo.

Desta forma a busca pela afirmação da identidade negra não se baseia somente no caráter do intelecto ou do conhecimento da sua história enquanto negro pertencente a uma determinada sociedade. Mas, ante de tudo, essa identidade é representação de beleza, de ideologia, de afirmação e resistência, é a quebra de paradigmas e preconceitos instalados na sociedade. Nesse contexto das simbologias de apropriação e aceitação dessa identidade negra está o cabelo black, como o simbolismo mais forte e marcante pela luta e defesa da identidade negra, ou seja o cabelo black é antes de tudo um ato político.

O black é, assim um exemplo não apenas do caráter político das novas identidades isto é, do seu caráter posicional e conjuntural (sua formação em e para tempos e lugares específicos) mas também de modo como a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra. (Hall, 2011, p. 87).

O cabelo como o próprio corpo é uma formação cultural, é a representação de significados e ideologias de negação como de afirmação de determinada identidade. Desta forma se o padrão de beleza é o padrão branco e europeu, logo o objetivo é que seja impresso e assumindo uma identidade que nega a identidade originária. Assim quando um negro ou uma negra assume o cabelo black como sua referência, logo acontece um rompimento do padrão de beleza branco. Ou seja quando um negro manipula o seu cabelo ali está sendo impresso atitudes que se opõem aos padrões impostos. Para Gomes (2016, p. 46): “Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que classificam e os localizam dentro de grupo étnico-racial”

Considerações finais

Esta pesquisa chegou ao termino, obtendo resultados, positivos e satisfatórios, referente ao processo de afirmação da identidade negra através das manifestações corporais e estéticas, que vem se construindo através do uso do cabelo black como forma de valorizar a identidade de origem negra. No decorrer da pesquisa, percebeu-se que outras estudantes estavam assumido o seu cabelo black, por também encontrarem em outras estudantes pontos de referências. Em relação a movimentação do número de estudantes que usam o cabelo black na escola, ainda é bem reduzido, mas ao passar dos meses vai aumentando gradativamente, pois esse movimento do black na escola se trata de um fenômeno recente.

Em relação a hipótese defendia a priori na pesquisa, era a que o uso do cabelo, se tratava de um caráter puramente estético. Mas no desdobramento da pesquisa pode-se chegar uma segunda hipótese, que é a que direciona atualmente a pesquisa; que o cabelo é uma das principais manifestações de afirmação da identidade negra e da sua negritude. Pois o processo da afirmação e uso do cabelo black se configura como um espaço de resistência, quebra de paradigmas e padrões. Como as estudantes relatam que para assumir o cabelo tem que ter coragem, tem que ter certeza do que quer, pois nesse processo enfrentam muitas dificuldades de aceitação e discriminação.

Para Lima (2015) a escola e a educação é vista pela militância e o movimento negro como a área que podem gerar as maiores formas de combate ao racismo no país. Desta forma a escola estará contribuindo na formação das identidades, que não pode ser encarada como algo estático. A escola precisa dialogar com as diferentes formas de identidades e linhas étnicas para que consolide o respeito as afirmações de identidades silenciados nesses espaços. Para Gomes (2011) essas identidades se modifica constantemente através da convivência dos sujeitos a partir das relações sociais em seu entorno. “Assim, a identidade racial é uma, entre outras dimensões identitárias que constroem os sujeitos em sociedade e na escola, e se reelaboram, a depender das narrativas de que participam nesses espaços” (LIMA, 2015, p. 83).

Pensado desta forma o corpo e o cabelo do negro é um ato de revolução de rebeldia contra sistema branco opressor que dita as regras e os padrões da beleza. Assumir o cabelo black é antes de tudo conhecer a sua história e todo o processo que envolve o seu entorno, é se colocar como instrumento de transformação social na luta contra o preconceito racial, é a busca pela valorização da beleza, da história e todo o universo que envolve o ser negro. Para Gomes (2016, p. 51) “A questão racial, em um país racista, sempre será política e ideológica, quer queiramos ou não, pois se contrapor ao racismo é se contrapor a práticas, posturas e ideologias. Exige posicionamento e mudança de comportamento”. Desta forma como defende a autora para que o racismo seja enfrentado e combatido, é necessário uma mudança de atitude que venha intervir na sociedade com vista a combater as formas e posturas discriminatórias. Assim o cabelo black é adquirido como símbolo de luta e resistência negra, assumindo um caráter político e ideológico, de combate as formas opressoras de discriminação do povo negro.

Referências

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa: monográfica, dissertação, tese**. 1ª ed. São Paulo: Altas, 2011.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M. CODO, Wnderley. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. P. 58-75.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. 1º. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu e vestido dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: RECORD, 2007. p. 189-261.

FANON, Frantz. **Pele negra mascarar brancas**: Salvador, EDUFBA, 2008.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu e vestido dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: RECORD, 2007. p. 303-326.

GOMES, Nilma Lino. Corpo cabelo como símbolos da identidade negra. In: FIGUEIREDO, Angela, CRUZ, Cintia (Orgs.). **Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. Coleção UNIAFRO; v. 16). P. 41-52.

_____, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, Marcus Vinicius. SILVA, Carolina Mostaro Neves da. FERNANDES, Alexandra Borges (Orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: MAZZO, 2011. p.39-59.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Relações étnico-raciais na escola o papel das linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2015.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: CASTRO, Paula Almeida de. MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de (Orgs.). **Etnografia e Educação**. Campina Grande: eduepd, 2011. p. 49-72.

MATTOS, Hebe. ABREU, Martha. Uma conversa com professores de história sobre as “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”. In: ABREU, Martha. DANTAS, Carolina Vianna. MATTOS, Hebe (Orgs.). **O negro no Brasil trajetórias e lutas em dez aulas de história**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 115-137.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
RODRIGUES, Joyce Maria. A relação do corpo negro para a construção da identidade negra. In: FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras na sala de aula**:

saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 61-66.

SANTOS, Helena Miranda dos. **Corpos perfeitos: O “ideal” de beleza das mulheres construído na contemporaneidade.** Salvador, 2008. 199f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, Gênero e Feminismo. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

WOLF, Naomi. O mito da beleza. In: _____. **O mito da beleza como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: ROCCO, 1992.